**A ditadura das minorias**

Esta semana a Federação dos Sindicatos de Transportes e Comunicações/FECTRANS anunciou uma “greve de três horas à entrada do primeiro período de trabalho dos maquinistas” do Metro de Lisboa, durante os dias 9, 10 e 11 de Dezembro, a qual – dizem – “não passa por aumento de encargos, mas pela atitude” da administração. A porta-voz da FECTRANS acrescentou, pressurosa, que “se o atual Governo não mostrar vontade relativamente às suas reivindicações poderá haver mais paralisações.”

Podia dizer-vos que fiquei estupefacta perante tamanho abuso irresponsável do poder sindicalista no prejuízo gratuito de uma população – essa sim trabalhadora – que precisa dos transportes públicos para chegar ao emprego e não perder o seu dia de salário. Mas afinal, esta é só uma primeira e ainda ligeira ilustração do que nos espera nos tempos que se seguem… Para as próximas duas semanas estão já anunciadas greves na CP, na CP Carga, no Metro de Lisboa e no STCP.

Já no passado fim-de-semana, no dia 28 de Novembro, a CGTP-IN havia organizado uma concentração em Lisboa para reivindicar uma “mudança de políticas para o país e uma melhoria das condições de vida e de trabalho dos portugueses”. Concentrações com os mesmos objectivos foram também organizadas pelos mesmos promotores para o Porto e Braga, exigindo-se “a derrota da política de direita, com uma melhor distribuição de riqueza e o combate ao empobrecimento e exclusão social”, e ainda “a reposição dos salários e pensões, a revisão do salário mínimo e a revogação da legislação laboral nociva para os trabalhadores”.

Conscientes do absurdo da situação, os sindicatos vão dizendo que as greves já estavam marcadas antes da constituição da frente da esquerda que governa hoje o país… Mas também dizem que, em relação ao Metro, basta que o Governo dê ordens à administração e a ordem que esperam é mesmo o despedimento de toda a administração e substituição por outra mais de feição; também dizem que, em relação aos transportes, basta voltar 4 anos atrás e restaurar tudo como era antes…, o que, aliás – importa reconhecê-lo –, está em consonância com a orientação deste governo: não interessa construir o futuro, basta restaurar o passado!

Enfim…, podíamos até pensar que esta agitação social teria perdido razão de ser com a tomada do poder pelos seus promotores políticos mas, contrariamente ao que uma pessoa razoável pensaria, a pressão não vai diminuir mas antes aumentar.

O dote do PCP para a actual união com o PS é o cancelamento e reversão dos processos de subconcessão dos transportes públicos de Lisboa e Porto e a revogação da legislação laboral, ambas as iniciativas fundamentais para manter o poder da CGTP nas ruas, além de posições sindicais para os seus militantes e financiamento para as suas acções de perturbação social. Quanto mais depressa o dote for pago mais depressa o PCP se libertará das quatro páginas generalistas do suposto acordo discretamente rubricado com o PS e estas greves anunciadas, mantidas e a multiplicar são um aviso claro que a CGTP e o seu braço político, o PCP, não vão ceder.

Sim, a agitação social vai crescer, e a dívida do sector dos transportes (já de 16 milhões de euros) vai crescer também porque a reversão das medidas para os transportes tem custos e porque os custos de tentar acalmar a CGTP vão sempre crescendo. E nós, mesmo aqui nos Açores, iremos pagar a factura quando os tão criticados “cofres cheios” do Governo anterior se esgotarem.

E a troco de quê?! Da tolerância da CGTP em relação ao governo minoritário do PS e do consentimento deste pelo PCP. Acontece que o PCP vale 8,25% dos eleitores e o número de sindicalizados em Portugal (totalidade de sindicatos e não apenas da CGTP) é de cerca de 11% dos trabalhadores. Será isto a ditadura das minorias?!

M. Patrão Neves

[www.mpatraoneves.pt](http://www.mpatraoneves.pt)